

NOVA ESCOLA ALFABETIZAÇÃO  
Abr. 91

# As várias faces do Mato Grosso do Sul

*Na fronteira com São Paulo, há muitas inovações. No Centro do Estado, onde está Campo Grande, a capital, e na área de Corumbá, no coração do Pantanal, prevalece o ensino tradicional. E, na região de Ponta Porã, fronteira com a Bolívia, para se comunicar com os alunos o professor precisa saber português, espanhol e guarani. Essas diferenças regionais representam um sério obstáculo à tarefa que universidade, autoridades educacionais e professores se impuseram: transformar o ensino de 1.º Grau e erradicar o analfabetismo no Mato Grosso do Sul até o ano 2000*

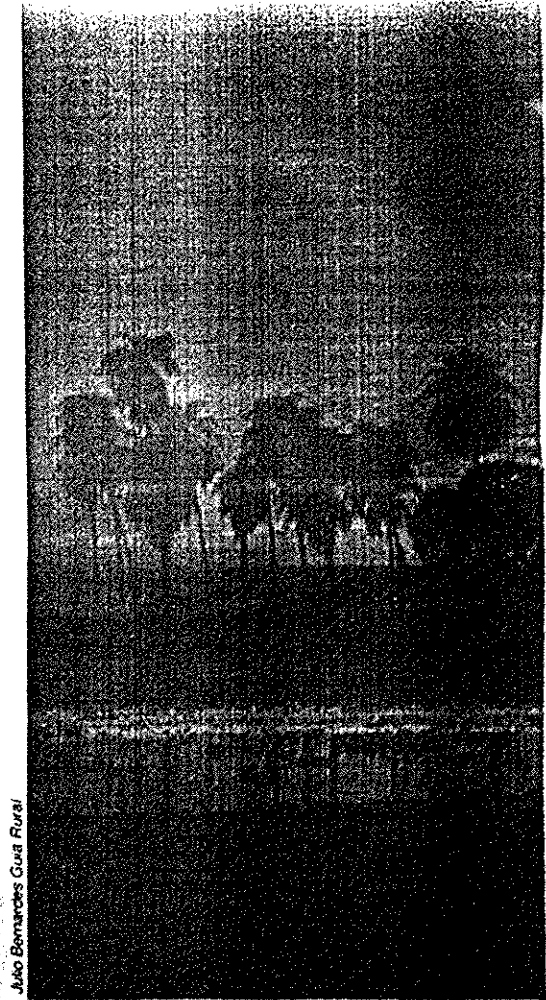
Reportagem de Rubens Aquino

**C**om 350 548 quilômetros quadrados, o Mato Grosso do Sul é o sétimo Estado brasileiro em extensão. A partir da década de 60 experimentou um rápido crescimento agrícola com a chegada de colonos paulistas, paranaenses, catarinenses e gaúchos. Até então, a economia predominante eram os vastos campos de criação de gado de corte. A agropecuária ainda é uma das bases econômicas do Estado (possui o segundo maior rebanho do país, de 25 milhões de cabeças), mas ele também é hoje o segundo produtor nacional de soja, o terceiro de trigo e o quarto de arroz. Possui ainda 510 mil hectares de florestas nativas homogêneas, além do Pantanal, talvez o mais rico ecossistema do planeta, que ocupa

um terço da área total do Estado.

O Mato Grosso do Sul foi criado em 11 de outubro de 1979, com a divisão do antigo Estado do Mato Grosso. Tem atualmente pouco mais de 2 milhões de habitantes e cerca de 500 mil analfabetos. Esse é um índice (17%) abaixo da média nacional, mas ainda assim preocupante. Em razão disso, desenvolve-se no Estado um esforço conjunto entre universidade, secretarias estadual e municipais da Educação e entidades públicas e não-governamentais para transformar o ensino de 1.º Grau no Mato Grosso do Sul e assim atingir a meta fixada pela Constituição de erradicar o analfabetismo até o ano 2000.

O pontapé inicial para a difícil empreitada foi dado em agosto do ano passado com a realização, no campus da Universi-



João Benedito Guat Rural



Marcelo Busnain



Juoc Acovama



Do deslumbrante Pantanal, passando pelos centros urbanos como a capital Campo Grande (acima) e pelas regiões de populações indígenas, a rede pública de 1.º Grau do Mato Grosso do Sul enfrenta o desafio de buscar uma melhor qualidade da escola pública

Rubens Aquino

Rubens Aquino



dade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), em Campo Grande, do Seminário da Alfabetização. Com a participação de especialistas, autoridades educacionais e 800 alfabetizadores (inscrições limitadas) de todos os 74 municípios do Estado, o seminário lançou o programa *Alfabetizar, além das palavras*, que tem a preocupação de não apenas ensinar a ler e escrever mas também a de formar futuros cidadãos críticos, criativos e participativos. "É uma mobilização inédita na história da educação mato-grossense-do-sul. Pela primeira vez reunimos num mesmo fórum representantes da totalidade dos municípios do interior", anima-se Fauze Saëff Gattass, reitor da UFMS.

O programa pretende atuar em sete frentes (alfabetização de crianças, de adultos e jovens, de indígenas e populações fronteiriças, de excepcionais, na zona rural, nos assentamentos agrícolas e em planos emergenciais). As comissões setoriais, formadas por representantes da universidade e da Secretaria Estadual da Educação, estão concluindo o levantamento sobre a real situação de cada setor, para então começar a atacar os problemas. Com campus em Campo Grande e centros universitários em Corumbá, Aquidauana, Dourados, Ponta Porã e Três Lagoas, a UFMS desenvolverá um papel estratégico nesse esforço. A ela caberá a coordenação dos cursos de preparação e atualização dos professores do Estado, 80% dos quais foram formados pela própria UFMS.

Mas não será uma tarefa fácil. Nova Escola percorreu mais de 3 mil quilômetros de território mato-grossense-do-sul e constatou a existência de enormes disparidades regionais no campo da educação. Junto as hidrelétricas de Jupiá e Ilha Solteira, a região de Três Lagoas recebe grande influência do vizinho São Paulo, de onde chegam inovações pedagógicas que estão sendo implantadas já há vários anos. Na região de Campo Grande e Dourados, no centro do Estado, predominam as metodologias tradicionais de ensino. Na fronteira, duas realidades distintas: a região de Corumbá e Ladário, coração do Pantanal, junto à Bolívia, vive isolada e enfrenta dificuldades para adquirir novos conhecimentos na área da alfabetização, enquanto a região de Ponta Porã, mais ao sul, na fronteira com o

Paraguai, já trabalha com experiências inovadoras. Ali, onde ainda vivem os descendentes dos índios guaranis, e por causa da aproximação cultural com o Paraguai, os professores precisam conhecer três línguas: o português, o espanhol e o guarani.

### Três Lagoas recebe as influências inovadoras do vizinho São Paulo

O fuso horário do Mato Grosso do Sul tem uma hora a menos que o de Brasília, do Nordeste e de todo o Centro-Sul do país. Mas os moradores da região de Três Lagoas, leste mato-grossense, seguem o horário paulista em quase tudo (menos nas repartições públicas), tamanha a influência do poderoso Estado vizinho. Aquela região agrícola, agropecuária e de reflorestamentos começa a atrair indústrias da madeira, papel e celulose. Ali também estão as hidrelétricas de Jupia e Ilha Solteira, no rio Paraná. Conhecida como *bolsão mato-grossense*, a região tem sete municípios e aproximadamente 300 mil habitantes e até recentemente não possuía rodovia asfaltada que a ligasse à capital, Campo Grande, 337 quilômetros a oeste.

No bolsão, a influência paulista ocorre também no campo da educação. Ali, os programas curriculares e as metodologias de ensino são mais uniformes que em outras áreas do Estado de acesso mais difícil. A aproximação cultural com os paulistas também acaba influenciando na formação das pessoas, transformando o bolsão numa região *sui generis*. "Quando a criança chega à escola, traz um volume de informações infinitamente maior do que em outras localidades mais isoladas do Estado", constata o professor Germano Molinari, do Centro Universitário de Três Lagoas (CEUL), a extensão do campus da UFMS.

Hoje com 100 mil habitantes, Três Lagoas é a maior cidade da região. As escolas estaduais, que cumprem o programa curricular ditado pela capital, mantêm o ensino tradicional. Mas a rede municipal, que possui 30 escolas no perímetro urbano e 31 na zona rural,



Rubens Acunio

Em Três Lagoas, os currículos das escolas são mais uniformes que em outras regiões

há cinco anos vem implantando uma nova metodologia de educação, com base nas teorias construtivistas, segundo as quais a criança constrói o seu próprio processo de conhecimento (veja *Nova Escola* n.º 34).

A partir de um projeto da professora Therezinha Bazé de Lima, do Departamento de Educação da UFMS, de aproximação da universidade com o ensino de 1.º Grau, o Grupo de Trabalho Agir e Refletir, do CEUL, começou em 1985 a desenvolver uma ação sistemática junto aos professores de 1.ª série do município. Fornecendo assessoria, programando cursos e discussões, o grupo levou novas técnicas e novas metodologias de ensino que têm como eixo central o respeito à realidade concreta do aluno e ao seu estágio de desenvolvimento. "Fomos para as ruas, trocamos experiências e crescemos junto com os professores, apesar da resistência natural no início do projeto", lembra a professora Lucy Maria Carnier Dornelas, do CEUL.

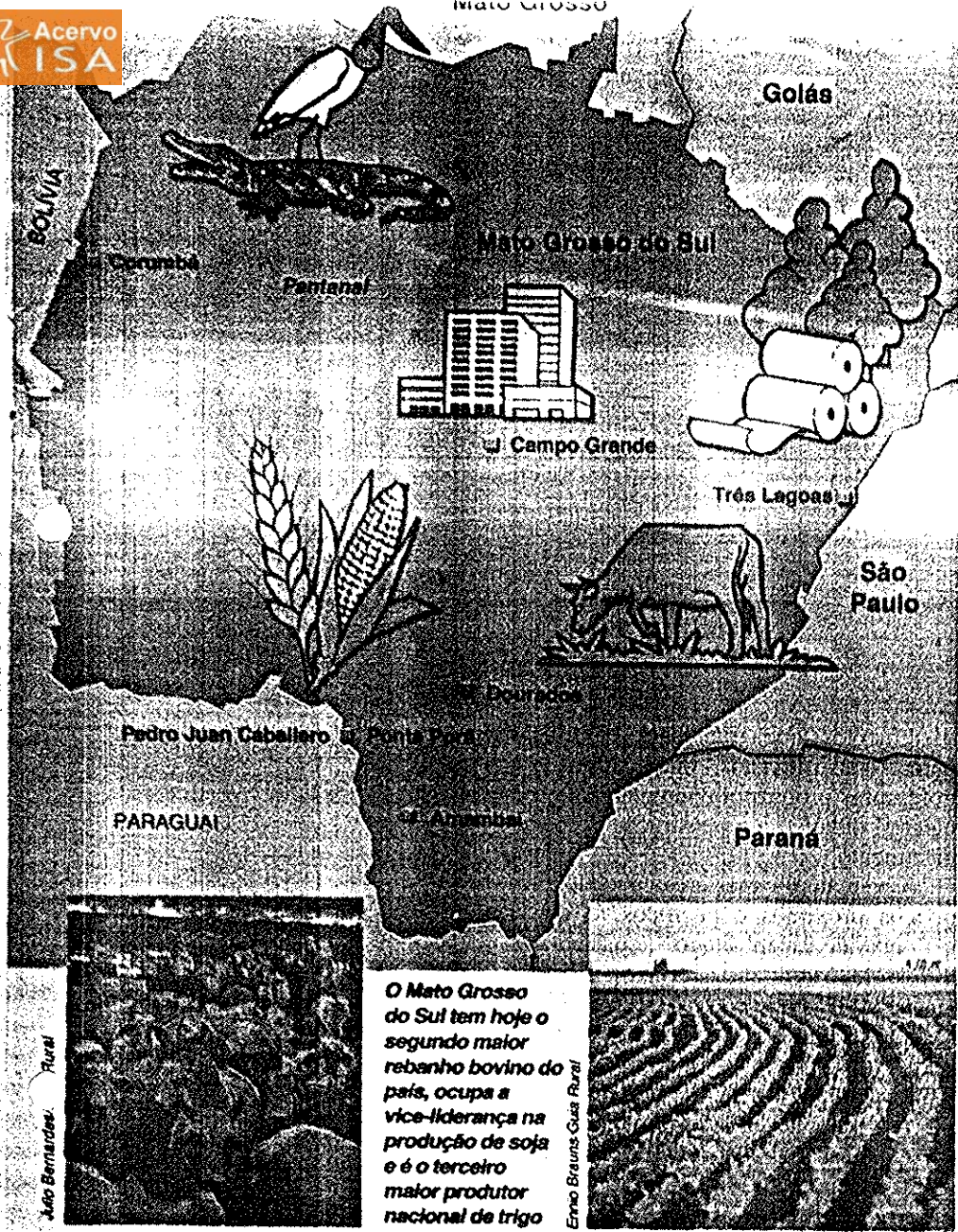
**Sem recuos** — Nem toda a rede municipal está envolvida no projeto, mas a cada ano mais professores e escolas procuram orientação com o Grupo de Trabalho (GT), como ficou conhecido. "Comparo o projeto a um curso de reciclagem a longo prazo", conta a professora Ana Regina Gomes Teixeira, da Secretaria Municipal da Educação. "Essa integração do sistema de ensino com a universidade nos ajudou muito. Hoje a totalidade dos professores en-

volvidos nem quer saber de voltar ao tradicionalismo."

Uma aula típica de alfabetização de quem está trabalhando com o GT geralmente começa com a discussão de um tema escolhido nas programações mensais. As crianças passam então à elaboração de trabalhos de auto-expressão, que pode ser pintura a dedo, desenho ou produção de textos. Na sequência, há um momento de leitura, individual ou coletiva.

A maioria das escolas trabalha também com mapeamento, iniciado na pré-escola, para reforçar as noções de espaço, lateralidade, direcionamento e equilíbrio. Primeiro, alunos e professores fazem passeios pelo bairro para observar o que existe ao redor da escola e onde ela está situada. As crianças depois produzem textos e trabalhos de recortes sobre o que viram. Na sequência, já como atividade em grupo, elaboram mapas e maquetes — com isopor, papel laminado e fios elétricos, nas escolas com melhor infra-estrutura, ou com material de sucata, nos estabelecimentos mais pobres. A partir das maquetes, as crianças outra vez redigem seus próprios textos.

**Capacidade crítica** — Esse tipo de trabalho também instiga a capacidade crítica das crianças. "Há casos em que o aluno, depois de um passeio de reconhecimento, questiona a forma como uma cidade é construída. Cria problemas e força o grupo a encontrar soluções", testemunha a professora Lucy Dorne-



*O Mato Grosso do Sul tem hoje o segundo maior rebanho bovino do país, ocupa a vice-liderança na produção de soja e é o terceiro maior produtor nacional de trigo*

todos tradicionais. "Fiquei desesperada", lembra a professora, que teve o primeiro contato com as teorias construtivistas em 1986 e no ano seguinte tentou abandoná-las. "Eu não via consistência, não sabia para onde estava andando", confessa a professora, que não conseguia livrar-se da cartilha ("ela vicia"). Além disso, os pais dos alunos vieram duros para cima de mim com cobranças" porque não estavam entendendo o que se passava.

Mas, no ano seguinte, quando tentou voltar as aulas com base na cartilha, Maria Cícero já não se adaptou mais a ela. "Alguma coisa havia mudado em mim", revela. Resolveu então encarar os pais e suas próprias dúvidas. "Joguei o velho para o alto e adotei em mim uma nova escola. Comecei a fazer plano de aulas junto com os alunos e hoje não consigo entender como passei 10 anos alfabetizando em branco..."

**Estímulo à leitura** — Como consequência desse trabalho, as duas alfabetizadas dizem que seus alunos desenvolveram com maior velocidade a linguagem oral e escrita, enriqueceram o vocabulário e demonstraram mais vontade de ler e escrever. Prova disso é a crescente procura de livros nas bibliotecas montadas nas próprias escolas ou no Centro de Literatura Infanto-Juvenil instalado no CEUL, ou mesmo nas bibliotecas públicas.

Inúmeras experiências animadoras na área da leitura surgiram a partir do projeto. Por exemplo, na Escola Municipal Gentil Montalvão, situada na periferia da cidade, os próprios alunos realizaram uma campanha de levantamento de fundos para montar a sua biblioteca, que hoje conta com um acervo de mais de 200 volumes. É a chamada biblioteca itinerante, que percorre as salas de aula da escola numa caixa de papelão. Duas vezes por semana, as professoras fazem com as crianças o que chamam de "momentos de leitura e reflexão".

Durante as sessões de leitura, os alunos sugerem compras de novos títulos. E são rigorosos na seleção, como por exemplo demonstra Fábio Antunes da Silva, de 11 anos: "Gosto de histórias com gente. Não acho muito legal livros só com bichos falando. E o desenho em preto e branco é feio. Gosto de

las. "A criança se acha e se vê naquelas maquetes feitas com suas próprias mãos. Aí está a fonte inesgotável do seu conhecimento: ela própria e o mundo em que vive."

Os professores envolvidos no projeto também utilizam em sala vários tipos de jogos e brincadeiras, como o baralho mágico. A cartilha é raramente usada — apenas como reforço.

Para a professora Therezinha Bazé, o crescimento do aluno está diretamente ligado ao estímulo recebido em sala de aula. "A professora deve ser ativa coordenadora de trabalhos coletivos e individuais. A escrita será estimulada e não imposta", ensina.

A alfabetizadora Elza Maria Silva de Souza, da Escola Municipal H. Alonso Gonzalez, no centro de Três Lagoas,

diz que mudou radicalmente suas concepções pedagógicas desde que entrou no projeto, há mais de quatro anos. "Meus trabalhos tomaram outro rumo", garante. No começo, ela confessa, tinha muitas dificuldades para abandonar as cartilhas tradicionais e as "aulas programadinhas onde queria e esperava exatamente que o aluno chegasse". Ela conta que foi tomada por muitas dúvidas, não conseguia trabalhar com as crianças e teve a impressão de estar perdida. "Muitos meses depois é que comecei a perceber os primeiros resultados: os alunos passaram a ser mais criativos, críticos e participativos."

Sua colega Maria Cícero Silva, da mesma escola, passou pelo mesmo processo. Quando conheceu o GT, já alfabetizava, havia 10 anos, pelos mé-

histórias da professora Eva Furnari”.

A professora Edna Aparecida de Assis, da mesma escola, conta que agora os alunos já alfabetizados apresentam uma inquietação fora do comum e pedem aulas de leitura, criticam os textos que lêem, as ilustrações e trocam idéias entre si. “Nos tempos das cartilhas, podia haver dezenas dessas bibliotecas moveis por aqui que de nada adiantava. Não havia estímulo à leitura.”

### Em Campo Grande, há um acentuado tradicionalismo no sistema educacional

A faixa central do Estado é a região mais populosa, com 1,2 milhão de habitantes e taxa média anual de crescimento populacional de 7,56%, mais de duas vezes a média nacional. Ali estão Campo Grande, a capital, e Dourados. A economia se sustenta no tripé agropecuária-produção de grãos-comércio, mas a indústria está crescendo.

O quadro da alfabetização apresenta ali características peculiares, que dificultam a introdução de novas metodologias e práticas renovadoras de ensino. “Aqui temos um vasto painel que não nos permite enxergar qualquer tendência para as metodologias em prática”, reconhece o próprio secretário estadual da Educação, professor Mauro Polizer. Segundo ele, em Campo Grande ocorre o contrário de outras cidades do Estado, “onde as linhas de ensino são claramente voltadas para determinada metodologia”.

Centro comercial mais importante do Mato Grosso do Sul, Campo Grande tem 700 mil habitantes e 236 escolas (77 municipais, 77 estaduais e 82 particulares), além de três instituições de ensino superior que formam professores. Na alfabetização, pode-se detectar três situações convivendo lado a lado: o uso da metodologia completamente tradicional, onde a cartilha é seguida ao pé da letra: as escolas que criam seus próprios métodos de ensino e usam livros didáticos selecionados pela direção, e exercícios e atividades desenvolvidos pelos professores, que são distribuídos aos alunos em folhas mimeografadas; e alguns poucos esta-

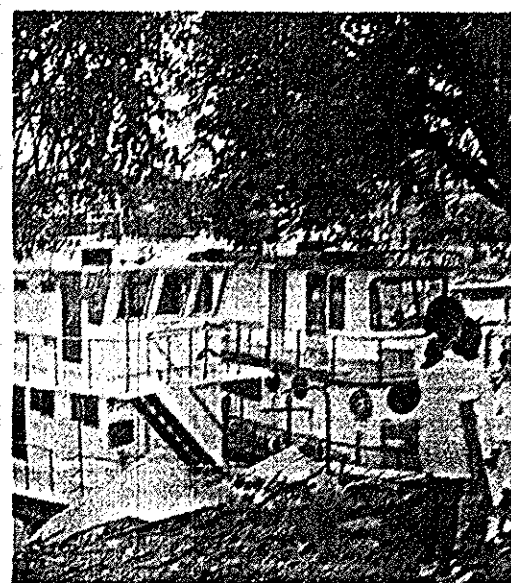


belecimentos que trabalham com as teorias construtivistas, onde alunos e professores produzem conjuntamente o material didático e a construção do conhecimento.

“A vanguarda e o arcaico ocupam espaços próximos e pacíficos, o que não deixa de ser inusitado”, constata a professora Maria da Glória Sá Rosa, educadora de grande prestígio no Estado. “Aqui temos escolas e professores que só faltam mesmo voltarem ao tempo da palmatória, da mesma maneira que profissionais afoitos por modernizar e colocar a alfabetização num nível de terceiro milênio.”

**Conservadorismo** — “Há um acentuado tradicionalismo no sistema educacional da cidade”, admite Mauro Polizer. “As experiências renovadoras não são bem aceitas pela sociedade conservadora campo-grandense”, interpreta a professora Luziete Aparecida da Silva, que trabalha na rede privada. “Aprender a criticar? Para quê?”, brinca.

Na maioria dos casos, as vagas nas escolas da capital — tanto públicas quanto particulares — são disputadas exatamente em função do grau de tradicionalismo que oferecem. “Não queremos as invenções que acabam por desvirtuar o ensino forte e competente que tivemos no nosso tempo”, exige Alfredo Borges de Souza, da Associação de Pais e Mestres de Campo Grande. “É como o vinho: quanto mais velho, melhor”, ironiza a professora Maria da Graça de Souza Arguelo.



Fundada em 1934, a Escola Salesiana Dom Bosco, com mais de 5 mil alunos, é a maior e mais tradicional da capital. Ela possui um sistema de alfabetização desenvolvido pela própria escola, que ficou conhecido como *método salesiano*. “A qualidade do ensino, a seriedade e a certeza da formação ideal é o que propomos para o estudante, do pré ao final do 2.º Grau. Somos metódicos e procuramos ensinar dentro de uma linguagem única em que todos os professores trabalhem afinados”, explica a professora Evanir Dordin Candim, coordenadora da 1.ª série na Dom Bosco. Segundo ela, o professor elabora as atividades de classe e de casa em folhas mimeografadas ou xerocadas. São geralmente exercícios de sílaba-



*A Escola Silva Jardim, em Corumbá, fica às margens do rio Paraguai (primeira à esq., no alto). Lá a professora Rosângela, sempre que pode, arrasta seus alunos para aulas ao ar livre: vão conhecer a história da cidade nos velhos casarios da região do cais do porto e fazem observações sobre o turismo e a vida dos pescadores*



ção, fonética, acentuação e fundamentos de Matemática.

**Cartilha disciplinar** — A Escola Nossa Senhora Auxiliadora, fundada em 1928 e que segue a linha montessoriana, é uma das mais disputadas de Campo Grande. “Trabalhamos com maior ênfase a questão dos princípios e a disciplina da personalidade de cada aluno”, explica a irmã Ivone Aparecida Calvo, uma das coordenadoras da 1.ª série. Na alfabetização, a escola trabalha primeiro o som das vogais e depois das consoantes, prosseguindo um trabalho que vem da pré-escola. “Depois, apresentamos o grafismo destes sons e passamos à cartilha *Pipoca*, junto com jogos e atividades lúdicas.” Também na 1.ª série da Nossa Senhora Auxiliadora

começa a aplicação do manual de prevenção, uma espécie de cartilha disciplinar sobre causas e efeitos do comportamento dos alunos, desde o modo de se portar em sala de aula até condutas sociais.

Na outra ponta da linha, encontram-se os professores que procuram seguir as teorias construtivistas de alfabetização. Não são muitos e enfrentam resistências. Há vários trabalhos isolados. Em apenas uma escola da capital mato-grossense-do-sul essa concepção pedagógica foi adotada de maneira global: na Cinetista Oliva Enciso, situada no centro de Campo Grande, onde estudam cerca de 300 alunos. “Estamos desenvolvendo uma proposta alfabetizadora em que o principal é o processo individual de cada criança. Ela descobre seu próprio conhecimento, através de textos espontâneos e investigações sobre a escrita, que se dá quando ela desenha, joga e constrói com materiais de sucata”, ensina Marlene Sguirdassi da Rosa, diretora da escola.

Neuza Dutra Vieira, professora de pré-escola da Cinetista, completa: “Nossa escola é voltada para o construir, em que nós, educadores, somos apenas mediadores entre as crianças. O espaço aqui é delas. Elas discutem, planejam, criam e executam dentro do respeito mútuo. Elas são as agentes de seu próprio desenvolvimento”. Neuza diz que esse caminho exige muito dos professores, que precisam estar constantemente repensando

do suas ações, “mas posso dizer que esse será o caminho da educação do futuro”

Para mudar o ensino da Cinetista Oliva Enciso, as professoras precisaram primeiro quebrar a resistência dos pais e de alguns professores. “As dificuldades que enfrentamos não nos desanimam”, sustenta Marlene, que considera esse o melhor caminho para a alfabetização no Mato Grosso do Sul.

Em algumas escolas da rede pública da periferia de Campo Grande começam a pipocar experiências semelhantes, principalmente levadas por professores recém-saídos dos cursos de Pedagogia da UFMS. “Um sinal claro de que os anos 90 são promissores”, confia a professora Ana Leda de Souza.

## **Corumbá é conservador; em Ponta Porã o ensino começa a mudar**

As diversidades regionais são tamanhas no Mato Grosso do Sul que a própria região fronteiriça, com mais de 500 mil habitantes, não consegue apresentar um quadro homogêneo no campo da alfabetização. Na região de Corumbá, no oeste: fronteira com a Bolívia, o tradicionalismo ainda impera na educação de 1.º Grau, enquanto mais ao sul, na região de Ponta Porã, fronteira com o Paraguai, desenvolvem-se experiências inovadoras na área.

“Corumbá é Ladário, situadas no meio do Pantanal, viveram mais de 50 anos isoladas e não se pode de um momento para outro mudar a filosofia de vida das pessoas. É preciso lutar e dar tempo ao tempo”, procura justificar o professor Jorge Panovich, diretor do Centro Universitário de Corumbá, cidade que hoje tem 100 mil habitantes. Corumbá é um dos quatro maiores municípios do mundo, com 62 mil quilômetros quadrados, dos quais 95% são do Pantanal e alagam no período de chuvas. Possui a maior concentração de bovinos por município, com 2 milhões de cabeças.

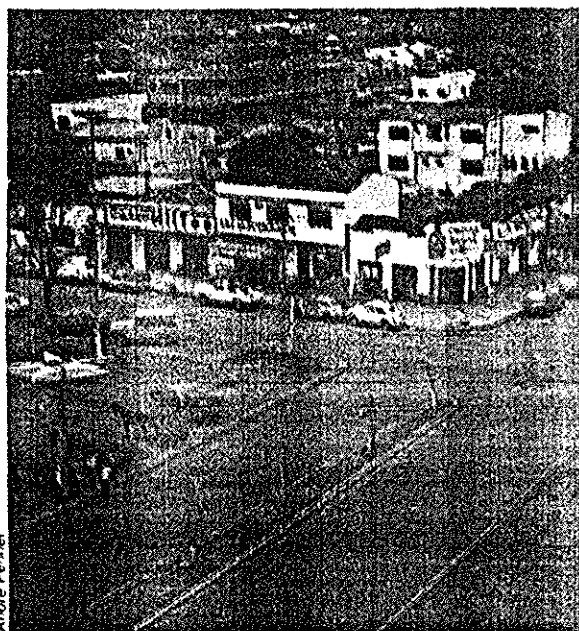
Segundo pesquisa realizada por alunos do curso de Pedagogia do Centro, mais de 90% dos professores da região empregam métodos tradicionais

de ensino e as cartilhas do tipo *Pipoca*, distribuídas pela FAE. "As cartilhas estão abarrotadas de bichos como elefante, girafa, tigre, gorila, além de desertos e oásis, sendo que aqui do lado temos o Pantanal, com toda a riqueza da nossa fauna e flora", queixa-se Panovich.

"Sigo a cartilha da FAE e os alunos já se habituaram. A maioria segue no mesmo ritmo e fica fácil verificar quando alguém está atrasando a aprendizagem", conta Suzie Aguilar da Silva, professora da 1.ª série da Escola Silva Jardim, uma construção com janelas amplas que dão para o Pantanal. Quando a criança não está acompanhando seus colegas, "parto para ditados e efetuação de problemas de Matemática". Sua colega de escola Rosângela de Jesus Correia já pensa diferente. "Só a cartilha e os exercícios de livros são insuficientes", diz. Ela gosta de sair da rotina e passear com os alunos pelo porto da cidade, de onde se tem uma visão deslumbrante do rio Paraguai e suas vazantes que formam o Pantanal. "Ali, repassamos taboada, contamos histórias e fazemos anotações das observações sobre os pescadores, os turistas, os trabalhadores das embarcações, o casario antigo do cais. Isso enriquece as atividades em sala de aula no dia seguinte."

**Dificuldades** — Na zona rural, o professor fica completamente isolado do resto do mundo. Estima-se que existam cerca de 70 salas de aula espalhadas pelas fazendas e povoados da região de Corumbá e Ladário. A maioria dos professores é leiga e, quase sempre, seus salários e a manutenção das escolas são pagos pelos próprios fazendeiros. Na época das cheias, em fevereiro, março e abril, muitas escolas são alagadas e o período letivo precisa ser alterado. Pesquisadores de lingüística da UFMS que já percorreram a região apuraram que, na zona rural "aprende-se a ler e escrever na medida exata da necessidade".

Mas as inovações no campo da alfabetização também já estão chegando a Corumbá, em geral levadas por alunos recém-formados em Pedagogia. "Já existe um certo número de professores que de vez em quando realiza seminários e prega um novo estilo de alfabetização baseado em Emilia Ferreira e



André Penner

Paulo Freire", informa o professor Panovich. "O difícil é levar essas idéias para dentro da escola. Poucos são os que aceitam", ressalva o professor, que vem lutando arduamente para manter uma oficina pedagógica no centro de Corumbá.

Jorge Panovich tem um palpite para as dificuldades de penetração das inovações pedagógicas em sua cidade: "Aqui não temos sindicatos, associações ou agremiações de trabalhadores. Devido à escassez da oferta de emprego, pressão dos empresários e falta de alternativas, o trabalhador corumbaense acaba se tornando um alienado, com medo de perder o pouco que tem por achar que já é muito. Não conseguimos mobilizar ninguém para nada".

A situação já é um pouco diferente na região de Ponta Porã, Antônio João, Amambai, Coronel Sapucaia, Tacuru, Sete Quedas, Paranhos e Aral Moreira, situada no sul do Mato Grosso do Sul e na fronteira com o Paraguai. Como resultado de um trabalho desenvolvido há quatro anos pela UFMS, que conta com uma unidade funcionando em Ponta Porã, novas metodologias de ensino estão sendo empregadas na região, que aos poucos vão ganhando espaços da educação tradicional.

Aquela região possui uma característica singular, por causa da mescla cultural com os paraguaios. Os professores têm que ser no mínimo bilíngües (português e espanhol) para poder se



Suzie Aguilar

*Em Ponta Porã, que nesta rua se junta a Pedro Juan Caballero, os professores precisam saber três línguas. Na região de Amambai, as crianças indígenas são alfabetizadas em guarani*

comunicar com seus alunos. Às vezes precisam conhecer até a língua guarani para poder alfabetizar (veja quadro nesta página).

O destaque da região fica com Amambai, município que investiu no ano passado 28,6% de seu orçamento na educação e paga aos professores o melhor salário do Mato Grosso do Sul e um dos melhores do país. Os professores, que estão trabalhando com as teorias construtivistas, periodicamente freqüentam seminários e cursos de atualização. As cartilhas foram abolidas. Todos os diretores das esco-

## O professor precisa conhecer três línguas

**M**ita che rô haihu, ataipós nde arandu!" Assim a professora Rufina Erostida Cardoso Aguiar, saluda seus alunos da 1.ª série da Escola Estadual Ramiro Noronha, na cidade fronteira de Ponta Porã. Em guarani, a expressão quer dizer "criança, eu gosto de você e quero que você aprenda!"

A avenida principal de Ponta Porã é a fronteira entre Brasil e Paraguai. Do outro lado, como se fosse a mesma cidade, está Pedro Juan Caballero. As culturas e os idiomas dos dois países (português e espanhol) estão presentes dos dois lados da fronteira, incorporados ao cotidiano das pes-



las do município são eleitos. Amambai está ampliando a rede física e desenvolvendo esforços para alfabetizar adultos e os índios guaranis que moram na região.

Há duas escolas dentro da reserva indígena de Limão Verde, junto à fronteira paraguaia. Nelas, as crianças são alfabetizadas essencialmente em guarani. Aprendem a ler, a escrever e a contar histórias na sua língua materna. O Português só entrará no currículo após a 2.ª série do 1.º Grau, como língua estrangeira. Os seis professores das 143 crianças matriculadas também são indí-

genas. Há na reserva cerca de 5 mil remanescentes da grande nação guarani, que está se extinguindo "como fumaça indo para o céu", conforme expressão da professora Takua Riê, batizada em português como Alzira.

O ensino na reserva é baseado no método Paulo Freire, que procura partir da análise dos fatos, da exploração da realidade (cada vez mais pobre) para a reflexão sobre suas causas e efeitos. Do cotidiano de suas vidas, os pequenos guaranis tiram as sílabas, as palavras e as frases. Da grande nação do passado que seus ancestrais cons-

*soas. Como as crianças paraguaias sempre estudaram nas escolas brasileiras, a Agência Regional de Educação de Ponta Porã decidiu criar três escolas bilingües na cidade, todas estaduais — a Ramiro Noronha, a Miguel Marcondes e a Mendes Gonçalves.*

*Assim como os alunos, os professores também são brasileiros e paraguaios. E, para que sejam entendidos pelas crianças, não basta que falem o português e o espanhol; precisam conhecer também o guarani, muitas vezes a única língua que elas falam. "Somente falando as três línguas é que se alfabetizam em português", ensina a professora Rufina. Ela aprendeu o espanhol e o guarani durante o tempo em que morou em Pedro Juan Caballero.*

*A alfabetizadora Zoraida Martins Espinosa não sabia o guarani quando*

*começou a dar aulas. "Eu pensava que muitos alunos, no início, eram mudos. Entravam, sentavam e quando eu falava ficavam me olhando sem dizer nada", lembra. Quando fazia uma pergunta a alguma criança, ela ficava desesperada e, choramingando, respondia: "Che nai cuai" ("Eu não sei"). "Aos poucos fui aprendendo o guarani. Eles primeiro me ensinaram, para depois eu ensiná-los."*

*Há muitos casos de dupla nacionalidade na região, por causa dos casamentos entre brasileiros e paraguaios. Mas mesmo os pais de nacionalidade paraguaia freqüentemente exigem que seus filhos aprendam o português. Para estudar no Brasil, o aluno precisa autorização do Consulado, da Polícia Federal e da Agência Regional de Educação, que faz a convalidação dos diplomas.*

truíram, tentam segurar com as unhas um resto de cultura por intermédio da escola. São índios tristes, talvez porque conscientes de que estão sendo dizimados aos poucos.

"Implantamos o projeto *Núcleo de Educação Indígena* muito mais na raça do que pelos caminhos legais", conta Indalécio Vanderlei Franco, secretário da Educação de Amambai e responsável pela implantação do ensino nas aldeias guaranis, mesmo sem autorização da Funai e da Câmara Municipal. "A educação formal é mecânica, fora da realidade dos índios e, portanto, alienante. Essas crianças precisam saber o que foi feito de suas terras, que ainda há conflitos por causa delas. E, mais que isso, precisam reconquistar a cultura do povo guarani", propõe Adélia Aparecida Pereira, coordenadora do projeto.

**Tudo é adaptado** — Não existe cartilha nem livro didático. Todo o material didático é criado ou adaptado pelos professores e alunos. As salas de aula têm murais e varais com exposição de trabalhos de ilustração e escrita na língua guarani. As aulas são basicamente divididas em três partes: leitura e escrita; Matemática (soma, subtração, multiplicação e divisão); e trabalhos manuais de artesanato, canções e danças dos ancestrais da tribo.

"Eu e as crianças desenhamos as coisas boas e ruins da aldeia", diz a professora Takua Riê. "De noite fico pensando nas coisas boas que podemos fazer juntos no dia seguinte. Eu gosto das aulas e eles também." Os resultados são palpáveis. A menina Élide, de 7 anos, diz: "Os tatus kueras que brincamos com eles tão cabando porque terra não boa onde a gente mora". Takua mostra frases escritas pelos alunos em guarani, como "criança vai à escola", "no mato tem cerca", "tem pouca flor e pouco bicho aqui".

Adélia Pereira conta que, quando as crianças indígenas eram alfabetizadas em português e nas cartilhas feitas para os brancos, havia muito desinteresse, a evasão era grande e não se conseguia ensiná-las. "Agora, que fazem sua própria cartilha, escrevem seu livrinho de histórias e têm atividades culturais na escola, às vezes é até difícil fazê-los retornar às suas casas após a aula", orgulha-se.